

OS ESCRITOS DE ARISTÓTELES

ARISTOTLE'S WRITINGS*

VALTER FERREIRA OLIVEIRA**
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, BRASIL

Resumo: Entre a morte de Teofrasto (287 a.C) e a invasão de Atenas pelos romanos, os escritos de Aristóteles deixaram de circular e assim permaneceram por dois séculos. Seus livros ficaram fora de circulação de Neleu até serem editados por Andrônico de Rodes (40 a.C). Inicia-se então um processo de transmissão. Fontes históricas se resumem a duas passagens: uma de Estrabão; e a outra de Plutarco. Para entender melhor o que teria ocorrido com a transmissão dos livros cabe decompô-la em três fases. A fase inicial tem curso quando Aristóteles em seu testamento lega sua biblioteca a Teofrasto. Este por sua vez, deixa ao morrer 'todos os seus livros e os de Aristóteles também' a Neleu, que os levou para Escepsis, situada na Tróade. A segunda fase tem lugar quando os herdeiros de Neleu passam a guardar os inestimáveis manuscritos, enterrando-os por temerem que os Atálidas deles se apossassem. A última etapa, se deu em 86 a.C., quando Sila invade Atenas, confiscando os livros da casa de Apelicon levando-os para Roma.

Palavras-chave: Filosofia; Aristóteles; Liceu.

Abstract: Aristotle's writings became unavailable by Theophrastus's death (287 BC) trough Roman invasion of Athens, remaining inaccessible for two centuries. His original books and library were cast out of stage from Neleus' days, until being edited by Andronicus of Rhodes (40BC). A transmission process then begins. Historical sources are limited to two passages: one by Strabon and the other by Plutarchus. For better understanding of the transmission, we should split it into three moves. The first starts when Theophrastus's inherits Aristotle's library by will. Theophrastus, in his turn, adds his own library to Aristotle's and grants them, by will as well, to Neleus – who brought the entire repository to the city of Scepsis. The middle move started when Neleus' heirs decided to keep the entire set to themselves, burying the library for fearing to have it taken away by the Atalides. The last move sparkled when Sulla dominated Athens (86BC), confiscated Apelicon's home library and sent it to Rome.

Keywords: Philosophy; Aristotle; Liceum.

* Artigo recebido em 08/02/2013 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 08/06/2013.

** Mestre em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense, Brasil. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6700457171830922>. E-mail: profvalteroliveira@gmail.com.

<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>

I. Introdução

O acervo da biblioteca do Liceu¹ era constituído, ao que se presume, de exemplares de obras publicadas e de obras não publicadas. Isto é, livros², transcrições e registros³ de palestras e conferências ministradas⁴. A importância desses registros e transcrições não estavam só em servirem de base para as aulas que periodicamente se repetiam, mas também no fato de propiciarem a possibilidade de sua revisão, sempre que fosse o caso. Com efeito, sobre esses registros e transcrições eram aditadas aqui e ali notas e observações marginais. Por vezes, o próprio registro como um todo era também objeto de desenvolvimentos, resumos e paráfrases. Sempre que necessário, cópias eram tiradas desses textos de aula ou de conferência, o que inevitavelmente dava origem a novas variantes⁵ e, ao que se diz, ao aperfeiçoamento do texto⁶. Não infreqüentemente, tais cópias passavam também a fazer parte do acervo da biblioteca.

A biblioteca do Liceu encerrava obras sobre os mais distintos e variados temas e assuntos, já que os aristotélicos cultivavam todas as formas de saber⁷, desde a lógica e a filosofia, passando pelas ciências sociais, naturais e jurídicas, até a história da ciência e do pensamento filosófico, como indicam as extensas compilações de *dóxai* dos mais diferentes autores e a respeito dos mais diversos assuntos⁸.

1 Não existe um relato de época sobre a biblioteca do Liceu. Para imaginarmos seu acervo ou composição dependemos de relatos indiretos – bibliográficos, históricos e literários – os mais diversos.

2 Há que se ter presente que a palavra ‘livro’ está aqui sendo tomada em sentido mais amplo que o usual. Nesta acepção, um livro pode ter as mais variadas dimensões: desde algumas páginas a dezenas ou centenas de páginas.

3 Chamo ‘transcrição’ de uma palestra o texto oriundo não do palestrante, mas do ouvinte, denomino ‘registro’ de uma palestra o texto oriundo do próprio palestrante.

4 Não sabemos o que levou Grayeff a localizar fisicamente a biblioteca no museu ao afirmar que ‘os livros dos peripatos eram guardados no templo das musas’, isto é, no museu (F. Grayeff, *Aristotle and his School*, Duckworth, London, 1974, p. 69). Não há, na verdade, nenhuma fonte histórica conhecida que situe a biblioteca neste ou naquele lugar no Liceu. Tudo o que nos é lícito dizer é que no Liceu havia uma biblioteca.

5 O copista, ao copiar um texto, cometia inevitavelmente enganos, e com freqüência nele intervinha com reparos e modificações. Esta cópia com tais alterações constituía uma variante do texto original.

6 Sabemos por uma carta de Teofrasto ao peripatético Fânias, que ‘as leituras públicas são úteis para a revisão e o melhoramento do texto’. Cf. Diógenes Laércio, *Vidas*, V, 37.

7 O ensino ministrado no Liceu sempre foi, sobretudo quando este se encontrava sob a direção de Teofrasto, de máxima feição enciclopédica – i. é, aquilo que os gregos denominavam de *polymathía* (ou *polymáttheia*), que literalmente, esta palavra quer dizer “grande instrução” ou “vasto saber”. De maneira mais específica ela pode significar: i) acúmulo de vasto acervo de conhecimento; ii) acúmulo de vasto acervo de conhecimentos isolados não integrados entre si não é reduzidos à unidade. Esta, porém, não era acepção desejada pelos aristotélicos. Com efeito, com sua filosofia da ciência, os peripatéticos procuravam alcançar um conhecimento integrado e subordinado a um saber superior e mais amplo.

8 A palavra grega *dóxa* (pl. *dóxai*) significa “opinião” ou ainda “tese” ou “doutrina”. Em seu sentido etimológico, ‘doxografia’ (derivada da palavra *dóxa*) significa basicamente o mesmo que “compilações de opiniões ou doutrinas de outros autores”. No presente contexto, portanto, ‘doxografia’ é o mesmo que história da filosofia (ou da ciência) grega escrita por um autor grego antigo; e ‘doxógrafo’ é a designação que se dá àqueles antigos autores gregos que realizavam compilações de natureza doxográfica. Finalmente, importa ser dito que a doxografia, em seu sentido mais estrito, foi criada pelos aristotélicos, especialmente por Teofrasto.

<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>

Às obras que constituíam o acervo da biblioteca do Liceu tinham acesso tanto alunos quanto professores. Portanto, todos os livros e manuscritos que compunham a biblioteca eram, ao que parece, do domínio comum dos membros permanentes da escola⁹.

De direito, porém, eles eram propriedade não da comunidade de alunos e professores, nem do escolarca, uma vez que nenhum deles podia dispor, como bem entendesse, da totalidade desse acervo. A gênese desse direito passa, em nossa opinião, pela seguinte trajetória. Tratando-se de Aristóteles, é inequívoco que os livros eram de sua propriedade, já que ele mesmo os escrevera ou os comprara. Por se sentir dono desse acervo, Aristóteles a ele deu o destino que entendeu ser o melhor. Vale dizer, dividiu os livros em dois grupos: parte pertenceria ao Liceu; parte constituiria sua biblioteca pessoal. Os livros que ele tomou como de sua propriedade particular foram legados a Teofrasto. Este, tendo recebido por herança os livros de Aristóteles, entendeu que eles eram de sua propriedade e que, sendo assim, tinha o direito de legá-los a quem entendesse. De fato, legou a Neleu de Escepsis todos os seus livros que, por sua vez, serão legados mais tarde a Estrato de Lampsaco. Assim, criou-se o princípio jurídico que definia a posse e regia a sucessão dos livros que Aristóteles reservara para sua propriedade particular. Quanto aos demais, que ficaram pertencendo à biblioteca do Liceu, pode-se conjecturar que, a princípio, não podendo ser doados, dificilmente estariam expostos à uma redução em seu acervo. Com efeito, ao que tudo indica, nunca o Liceu ficava carente de livros e manuscritos já que a sua função de ensino e pesquisa não parece ter sido afetada por algum tipo de doação.

Parece historicamente bem estabelecido que os manuscritos e originais de Aristóteles ficaram fora de circulação por, aproximadamente, duzentos e cinquenta anos, isto é, do tempo de Neleu (uma geração após Aristóteles) até a época em que viveu Andrônico de Rodes¹⁰. Este fato teve, como veremos mais adiante, importantes consequências sobre a evolução posterior do aristotelismo grego e romano. Daí seu estudo não ser um mero tópico de erudição acadêmica, mas algo de muito significativo para o historiador do pensamento antigo. Para podermos aprofundar a análise da história da transmissão dos livros de Aristóteles cabe decompor esta questão em três fases.

A fase inicial tem curso quando Aristóteles em seu testamento lega sua biblioteca a Teofrasto. Este, por sua vez, decidiu deixar ‘todos os livros’ a Neleu filho de Corisco, que os

⁹Aqui, entende-se pela palavra ‘livro’ os manuscritos que eram divulgados e pela palavra ‘manuscrito’ propriamente, os manuscritos que não eram objeto de qualquer publicidade.

¹⁰ Para efeito de documentação histórica, veja mais adiante nos relatos em “os relatos sobre a transmissão” onde as fontes primitivas, Estrabão e Plutarco, são transcritas.

<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>

levou para sua cidade natal, Ecepsis, que se encontrava situada na Tróade (D.L., V, 52; Estrabão, *Geogr.*, XIII, I, 54ss). De modo mais detalhado, Estrabão nos fala da ‘biblioteca de Teofrasto que incluía a biblioteca de Aristóteles’ (Estrabão, *Geogr.*, XIII, I, 54)¹¹.

A fase intermediária tem lugar quando os herdeiros de Neleu, mesmo sem manifestar qualquer interesse especial pela filosofia, resolveram guardar para si os inestimáveis manuscritos, enterrando-os por temerem que os Atálidas deles se apossassem, já que nesta ocasião tratavam de edificar a biblioteca de Pérgamo. Assim ocultos, permaneceram por quase duzentos anos, sofrendo a ação destrutiva da umidade e do mofo, até serem adquiridos pelo bibliófilo Apelicon de Teos, em torno do ano 90 a.C., que os transportou para Atenas.¹²

O relato de Estrabão nos conduz inevitavelmente a uma complexa questão de crítica histórica: não seria esta versão por demais fantasiosa? Teriam esses rolos, enterrados, perdurados por 200 anos? Sob tais condições, não teriam sido antes destruídos pelo mofo e pela traça? Se as respostas a tais indagações forem afirmativas, impõem-se de imediato as seguintes questões: O que realmente teria ocorrido aos livros de Aristóteles? Qual seria o sentido histórico da narrativa de Estrabão? Desacreditando da versão tradicional, Grayeff nos dá a seguinte explicação: em geral, as obras de Aristóteles sempre foram visadas pelas grandes

11 Não entendo a razão que levou Reale a afirmar que, ao morrer, Teofrasto legou ‘a biblioteca e consequentemente todos os escritos da escola de Aristóteles a Neleu de Ecepsis’ (G. Reale, *Introduzione a Aristotele*, Roma, Laterza, 1982, p.172). Seu raciocínio só poderia ser procedente caso Teofrasto não distinguisse a biblioteca do Liceu de sua biblioteca particular. Isto, porém, não é dito nas fontes de que dispomos. Nenhuma prova documental atesta que Teofrasto tenha doado a Neleu também a biblioteca da Escola. Em nosso entender, as duas coisas eram bem diferenciadas. E a prova de que os livros legados por Teofrasto não incluíam os livros pertencentes ao Liceu está no fato de o ensino e a pesquisa não terem sido interrompidos por essa doação.

12 Talvez não seja de todo deslocado tecer, aqui algumas considerações sobre a natureza material do livro nessa época. Os livros eram originalmente de papiro ou de pergaminho. Com isto não queremos dizer que na Antiguidade só se escreveu sobre esses dois tipos de material. Como se sabe, além da pedra e da cerâmica, era frequente a utilização de pequenas pranchetas de madeira ou de marfim recobertas de cera para se escrever. Mas de tais materiais não se produziam livros; estes eram de papiro ou de pergaminho.

Na Grécia, o papiro começou a ser empregado a partir do século VI a.C. um livro deste material era em grandes linhas, elaborado da seguinte maneira: as folhas de papiro eram coladas umas às outras, formando uma longa banda que a seguir era enrolada em uma peça de madeira. O comprimento dessa banda era variável, podendo chegar até a quarenta metros, em princípio nunca excedia a medida para um fácil manuseio. O texto era escrito em colunas, cujas linhas chegavam a conter, segundo o padrão mais disseminado, trinta e cinco letras. De 50 em 50 ou então de 100 em 100, as linhas eram numeradas. Os títulos dos capítulos eram escritos em tinta vermelha e cada rolo recebia uma etiqueta que continha o título da obra. Os rolos que compunham uma obra eram, com frequência, amarrados por um laço, e se esta obra fosse de grande valor era encerrada em uma caixa especial.

O pergaminho era outro material empregado na confecção de livros. Como se sabe, ele provém da pele de um animal, quando tratada por certos agentes químicos. Desde o segundo milênio era conhecido no Oriente e os gregos da Íônia dele se serviam desde o quinto século a.C. Mas, ele só se tornou difundido no segundo século a.C., época em que aparecem as grandes bibliotecas, notadamente a de Pérgamo, a que se deve o nome de ‘pergaminho’. A vantagem do pergaminho sobre o papiro está em que aquele pode facilmente ser disposto sob a forma de caderno, vindo assim a assumir, quando justapostos a outros, a aparência de um livro em sua feição atual. Uma vez preparadas, as folhas de pergaminho eram cortadas e dobradas para formar um caderno que, em geral, era de quatro folhas. Estes cadernos eram costurados em conjunto, a fim de formar um livro, cujas páginas eram numeradas e cujo título aparecia em seu início.

<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>

bibliotecas que nessa época começavam a surgir; vale dizer, Alexandria, Pérgamo, Rodes e Antióquia. Em particular, por razões que não cabem ser aqui expostas, é pensável que existisse um grande acervo de obras aristotélicas na biblioteca de Pérgamo. Com a derrocada de Pérgamo, especuladores entraram em ação com o intuito de se apossarem de seus inúmeros tesouros entre os quais importa destacar sua renomada biblioteca. Neste contexto, emerge a figura de Apelicon de Teos¹³, que teria adquirido direta ou indiretamente da pilhagem que ocorreu em Pérgamo, segundo o relato de Estrabão, ‘tanto os livros de Aristóteles quanto os de Teofrasto’ e feito, logo a seguir, cópias baratas e ruins desses livros. Este fato não poderia, no entanto, vir a tona, pois, do ponto de vista legal, os tesouros de Pérgamo eram de propriedade de Roma. Fez-se assim circular a estória que nos relata Estrabão para dar aparência legal a uma ação criminosa (cf. F. Grayeff, *ob.cit.*, p. 71-5).

A última etapa da transmissão dos livros de Aristóteles começa com a observação de que seus livros não ficaram por muito tempo em Atenas, uma vez que em 86 a.C., Sila invadiu esta cidade e, entre outras coisas, confiscou os livros que se encontravam na casa de Apelicon e sob suas ordens foram transportados para Roma. Nesta cidade, foram postos sob custódia de uma biblioteca pública e, ao que parece, passaram por algum tempo despercebidos da curiosidade geral em Roma. Ganhando a simpatia do bibliotecário (cujo nome nos é desconhecido), o gramático Tirânio¹⁴ pôde manusear os manuscritos, a fim de estudá-los e organizá-los. Tirânio falou a Cícero sobre esse precioso acervo, e este, por sua vez, também veio a manuseá-lo.

Este fato não está dissociado, ao que parece, da mudança de imagem que sofre o aristotelismo. Com efeito, no período helenístico, por se desconhecer os escritos esotéricos de Aristóteles, este era tomado apenas como o mais distinguido discípulo de Platão, que escreveu inúmeras obras de esclarecimento e exposição das doutrinas de seu mestre. Do momento em que Cícero tem contato com os escritos de Aristóteles, esta imagem errônea e deturpada começa a se desfazer. Aristóteles passa a ser progressivamente admirado como um filósofo, autor de um sistema original, digno de ser estudado pela profundidade e extensão de suas

13 Apelicon de Teos (c. 150/40 – 87/6 a.C.) é um bibliófilo e livreiro que fez fortuna em Atenas vendendo, ao que parece, edições “piratas” de obras desconhecidas de autores renomados. Ao que se diz, ele teria sido condenado por furto de documentos públicos de arquivos atenienses.

14 A história registra a existência de dois Tirânio – um cognominado ‘Jovem’ o outro ‘Velho’. É a este último que aqui nos referimos. Mas importa notar que seu verdadeiro nome era Teofrasto de Amisias. Tirânio, o Velho, como ficou conhecido, floresceu no início do primeiro século a.C., sendo levado por Lúculo, como prisioneiro, para Roma, onde foi libertado e gozou da proteção de Pompeu. Erudito e gramático de certo renome, tornou-se amigo de Cícero, César e Ático e se interessou pelo estudo da língua latina que, em seu entender era uma derivação do dialeto grego aeólico. De suas obras, nenhuma chegou até nós.

doutrinas. Aristóteles começa assim a ser lido e admirado a partir da segunda metade do primeiro século a.C.

Tempos depois, entre 40 e 20 a.C., os manuscritos de Aristóteles foram estudados por Andrônico de Rodes – um erudito e filósofo peripatético que deve ter estudado sob a orientação do filósofo estoico Posidônio, que professou em Rodes e em Roma. A atividade de Andrônico consistiu nas duas seguintes tarefas. De um lado, era seu propósito reorganizar a escola peripatética e reativar os estudos aristotélicos que tinham, pelas razões que vimos acima, caído em verdadeiro descrédito. Neste sentido, ele assumiu em Atenas a direção da escola peripatética, tornando-se o sétimo escolarca depois de Aristóteles. Em segundo lugar, era também seu intento realizar uma edição erudita e de alto nível das obras que Sila trouxera para Roma. Assim, pela primeira vez, pôde o mundo erudito ter acesso a todos os textos aristotélicos mediante uma edição satisfatória. Não se sabe até que ponto ele teve conhecimento do trabalho anteriormente realizado por Apelicon. Mas é certo que tudo quanto sabemos de Aristóteles tem por base a edição de Andrônico que, com pequenas exceções, encerra os livros que hoje conhecemos. Com isto não queremos dizer que antes da edição andrônica a escola peripatética estivesse privada de todas as grandes obras de seu fundador. Em sentido absoluto, tal não é o caso, uma vez que deveriam circular, mesmo em vida de seu autor, cópias de seus mais importantes trabalhos.

Em sua atividade de editor, Andrônico procurou sistematicamente levar em conta não apenas a ordem lógica em que deveriam ser estudados os diversos tratados, os aspectos filológicos e exegéticos de cada obra, como também enriquecer sua edição com uma longa e detalhada introdução. Pode-se conjecturar que, em seu afã editorial, Andrônico nem sempre distinguiu, com a nitidez que era de se esperar, sua contribuição de editor daquilo que se lia nos originais com os quais se deparava. Isto não significa, porém, que ele alterasse os textos aristotélicos como lhe aprouvesse, mas que nem sempre assinalava para discernir, como seria de se esperar, o que se encontra nos originais daquilo que decorre de sua ação de editor.

Após esta edição, começou-se a perceber que o aristotelismo propriamente dito não se encontrava nos livros que em vida Aristóteles publicara para um círculo mais amplo de leitores, mas nos escritos esotéricos que Andrônico fôra, ao que parece, o primeiro a editar¹⁵. A profundidade destes escritos fará paulatinamente cair no esquecimento até desaparecerem

15 Como de outros autores, as obras de Aristóteles se dividem quanto ao grau de tecnicidade, em esotéricas e exotéricas. As primeiras, mais técnica, destinado a um público restrito e especializado, foram as únicas que chegaram até nós, enquanto que as obras exotéricas, destinado a um público mais amplo e menos erudito, cedo desapareceram de circulação.

de todo a obra previamente conhecida – isto é, os escritos exotéricos – fazendo com que se imponham os escritos inicialmente redigidos para um círculo diminuto de iniciados – vale dizer, as obras esotéricas. É neste contexto que aparecem, agora para o grande público, as obras que no século VI d.C. receberão o nome de *Órganon*, isto é, instrumento do conhecimento ou da ciência.

I. Os relatos sobre a transmissão

Sobre a complicada transmissão dos escritos de Aristóteles, as fontes históricas se resumem a dois relatos: um, de Estrabão e outro, de Plutarco¹⁶.

Estrabão de Amasia (c. 64 a.C. – 19 d.C.) historiador e geógrafo, merece um crédito especial não só pelo fato de ser contemporâneo de muitos desses eventos, mas também por ter sido aluno de Tíranio e por ter estudado filosofia aristotélica, como ele próprio nos diz, sob a orientação de Boeto, um aluno de Andrônico (Filópono, In Cat., 5.19). É também certo que tenha conhecido Andrônico, que ele denominava de “O peripatético” (Geografia, XVI, 2, 24; XII, 3, 16; XIV, 2, 13). A passagem de Estrabão que a seguir transcrevemos é nossa principal fonte a respeito do que se passou com os textos aristotélicos entre a morte de Aristóteles (322 a.C.) e a edição de Andrônico de Rodes (c. 40-20 a. C.). Por esta razão achamos conveniente transcrever o texto de Estrabão, *Geografia*, XIII, 1, 54:

De Escepsis vieram os socráticos Erasto, Corisco e Neleu filho de Corisco, que foi aluno de Aristóteles e Teofrasto que herdou a biblioteca de Teofrasto, que incluía a de Aristóteles. Aristóteles deixou para este sua biblioteca conjuntamente com a escola [...] e Teofrasto a deixou para Neleu¹⁷, que a levou para Escepsis e a deixou para seus sucessores. Gente inculta - guardaram os livros trancados e em desordem. Mas quando souberam dos esforços dos reis Atáidas, em cujo domínio Escepsis se encontra, para obter livros a fim de prover a biblioteca de Pérgamo, eles os ocultaram em um depósito subterrâneo. Aí sofreram os danos da umidade e da traça e após um longo período de tempo foram vendidos pelos membros da família, por uma grande soma, a Apelicon de Teos. A venda compreendia tanto os livros de

16 Quanto a literatura secundária destacamos os seguintes livros: J. Bidez, *Un Singulier Naufrage Littéraire de l'Antiquité. À la Recherche des Épaves de l'Aristote Perdu*, Bruxelles, 1943; P. Moraux, *Les Listes Anciennes des Ouvrages d'Aristote*, Louvain, 1951; I. Düring, 'Notes on the History of the Transmission of Aristotle's Writings', *Göteborgs Högskolas Arsskrift*, 56(1950), p. 37-70. Quanto aos artigos cumpre citar: *The History of the Process by which the Aristotelian Writings arrived at their Present Form*, Oxford, 1888; F. Grayeff, *Aristotle and his School*, London, Duckworth, 1974; F. Grayeff, 'The Problem of the Genesis of Aristotle's Text', *Phronesis*, 1(1956), p. 105-122.

17 Tal doação é explicitamente enunciada por Teofrasto em seu testamento (D.L., V, 52).

<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>

Aristóteles quanto os de Teofrasto¹⁸. Apelicon, antes um bibliófilo que um filósofo, procurou restaurar as partes danificadas e providenciou novas cópias, mas suas restaurações deixavam a desejar e publicou os livros com inúmeros erros¹⁹. Pode-se dizer então da escola peripatética que seus primeiros adeptos, os sucessores imediatos de Teofrasto²⁰, por não possuírem esses livros, a exceção de uns poucos, e mesmo assim exotéricos em sua maior parte, não dispunham de meios para desenvolver uma filosofia séria, e assim perdiam-se em generalidades²¹. Seus sucessores, após o aparecimento desses livros, tornaram-se filósofos e aristotélicos mais competentes, mas por força dos inúmeros erros foram, em sua maior parte, compelidos a contentarem-se com probabilidades²². A própria Roma desempenhou um importante papel em tudo isso, pois Sila, o conquistador de Atenas, foi quem anexou a biblioteca de Apelicon logo após sua morte. Trazida para Roma, o erudito Tirânio, um admirador de Aristóteles, ganhou a confiança do bibliotecário e trabalhou nesses livros, como também o fizeram certos livreiros que empregaram copistas incompetentes que não cotejaram suas cópias com os originais – uma afronta perpetrada contra a maior parte dos livros postos a venda tanto aqui quanto em Alexandria.

Plutarco de Queroneia (c.45-125 d.C) é um moralista e renomado biógrafo grego. Em suas *Vidas Paralelas* narra, entre tantas outras, a biografia de Sila (138-78 a.C) na qual ocorre o texto que presentemente nos interessa. Cabe, porém, ser dito que as informações que constam em sua obra foram tomadas, ao que parece, do texto acima transcrito da *Geografia* de Estrabão. Ocorre, porém, que a passagem que diz respeito à Andrônico é mais recente que a *Geografia*. Há, porém, quem admita que a fonte de Plutarco tenha sido provavelmente um outro livro de Estrabão *Histórikà Hypomnemata*, hoje perdido²³. A passagem de Plutarco que nos interessa descrever está no contexto histórico da entrada de Sila em Atenas (86 a.C.). Assim, diz-nos Plutarco que Sila, voltando da Ásia, partiu da cidade de Éfeso para Atenas,

Pondo-se em Éfeso ao mar com toda a sua frota, no terceiro dia ancorou no Pireu²⁴. Após ter recebido a iniciação²⁵, se apossou da biblioteca de Apelicon de Teos. Esta continha a maior parte dos livros de Aristóteles e Teofrasto, que nem eram ainda por todos bem conhecidos. Diz-se que a coleção foi levada para Roma²⁶, onde o erudito Tirânio pôs grande parte das obras em

18 A expressão ‘tanto os livros de Aristóteles quanto os de Teofrasto’ exprime que estes incluem não só a produção pessoal de um e de outro, como também os livros adquiridos, por doação ou compra, por um e por outro.

19 Como era bibliófilo e não filósofo, Apelicon preencheu erroneamente as lacunas deixadas pelas traças ou as passagens apagadas pelo mofo.

20 Estrabão se refere aqui aos peripatéticos antigos, posteriores a Teofrasto, mas anteriores a Apelicon.

21 A medida que o tempo passa, os escolarcas do Liceu vão se tornando figuras cada vez mais inexpressivas. De fato, a partir de Licon nenhum dos diretores se distinguiu no domínio da ciência e da filosofia não passando de meros letrados e moralistas. Tal é o que observa tanto Estrabão quanto Plutarco. Também Cícero nos diz algo similar, cf. *De Finibus*, V,5,13

22 Os peripatéticos que se utilizavam da edição de Apelicon tiveram, por certo, a oportunidade de melhor filosofar e “aristotelizar”, embora com frequência fossem compelidos a falar por conjecturas, por força dos inúmeros erros dessa edição.

23 Tal é a opinião de L. Düring, *Aristotle in the Ancient Biographical Tradition*, Göteborg, 1957, p. 394.

24 Trata-se do principal porto de Atenas.

25 Nos mistérios de eleusínios.

26A volta de Sila para Roma se deu no ano 83.

ordem, e que por ele Andrônico de Rodes²⁷ foi suprido de cópias e as publicou, e compilou os catálogos de que agora dispomos. Os antigos peripatéticos, homens brilhantes e eruditos, careciam de um conhecimento extenso dos escritos de Aristóteles e Teofrasto, e nem dispunham de bons textos, devido ao fato de o patrimônio de Neleu, para quem Teofrasto deixou seus livros, ter passado para pessoas ignorantes e carentes de justa ambição²⁶.

II. Considerações finais

Um artigo desta natureza não necessariamente conduz a conclusões de ordem categórica, ou digamos, mais *fortes* empiricamente. Trata-se da descrição, em busca de apuração, do processo histórico de transmissão conceitual e documental dos escritos de Aristóteles. Assim sendo, a disposição do processo, suas linhas de força e tempo, são *per se* o objetivo precípua da exposição e argumentação.

Dotado de uma dimensão conjectural inevitável, nossos desenvolvimentos visam a perscrutar o que possivelmente teria ocorrido com os livros de Aristóteles. Como teriam sido preservados; em que medida transformados ou conservados, tal que puderam ascender de um longo período de ocultação e obscuridade. Fora do alcance do público por mais de dois séculos, ainda assim, se mantiveram em condições de serem editados e trazerem ao nosso momento informações substanciais, que consistem em parte expressiva do que pudemos reter do Filósofo. Há é claro elementos inconclusivos – cumpre levar em conta, por exemplo, que a edição de Andrônico de Rodes das obras de Aristóteles reflete não propriamente o texto do Estagirita em sua pureza; mas integra também correções e acréscimos de duas ou três gerações de filósofos peripatéticos. Contudo, podemos supor que Andrônico expurgou na medida de seu conhecimento tudo aquilo que teria em seu entender, uma prova espúria de alguma origem não aristotélica. Porém, o alcance e o acerto dessas correções é algo que dificilmente um dia teremos conhecimento.

Assinalamos ainda a importância da reintegração dos escritos de Aristóteles, à nossa cultura e tradição, na constituição de um vocabulário lógico tradicional. Vocabulário que ainda hoje consiste no corpo e na base de todos os avanços ocorridos no ocidente em torno da lógica clássica. Vocabulário exportado e enriquecido, no século XX, na constituição da lógica contemporânea, seus desvios e complementos. Não há como subestimar, assim, a importância

27 Esta passagem que diz respeito a Andrônico não foi retirada da Geografia, uma vez que ela nada diz a seu respeito.

da trajetória que procuramos aqui descrever e fazer sobressair – já que há poucos estudos nesta área em língua portuguesa.

Referências Bibliográficas

AUBENQUE, P. *Le Probleme de l'être chez Aristote*. Paris: PUF, 1972.

BIDEZ, J. *Un singulier naufrage littéraire dans l'Antiquité a la recherché des épreuves de l'Aristote perdu*, Bruxelles. Office de Publicité, 1943.

DÜRING, I. Notes on the History of the Transmission of Aristotle's Writings. *Göteborgs Höskolas Arsskrift*, 56, 1950, p. 37-70.

GRAYEFF, F. *Aristotle and his School*. London: Duckworth, 1974.

GRAYEFF, F. The Problem of the Genesis of Aristotle's Text. *Phronesis*, 1, 1956, p. 105-122.

MORAU, M. *Les listes anciennes des ouvrages d'Aristote*. Louvain : Publications Universitaires de Louvain, 1951.

RANDALL, J. H. *Aristotle*. New York, CUP, 1960.

REALE, G. *Introduzione a Aristotele*. Roma: Laterza, 1982.

SHUTE, R. *On the History of the Process by which the Aristotelian Writings arrived to their Present Form*. Oxford: Clarendon, 1888.